

EZEQUIEL MARTINS FERREIRA  
(ORGANIZADOR)

# Antes:

INTERFACES E DIÁLOGOS  
INTERDISCIPLINARES

EZEQUIEL MARTINS FERREIRA  
(ORGANIZADOR)

# Antes:

INTERFACES E DIÁLOGOS  
INTERDISCIPLINARES

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo



Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



## Artes: interfaces e diálogos interdisciplinares

**Diagramação:** Daphynny Pamplona  
**Correção:** Maiara Ferreira  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Ezequiel Martins Ferreira

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A786 Artes: interfaces e diálogos interdisciplinares / Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0053-0

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.530221103>

1. Artes. I. Ferreira, Ezequiel Martins (Organizador). II. Título.

CDD 700

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

A coletânea *Artes Interfaces e diálogos interdisciplinares*, reúne neste volume quatorze artigos que abordam algumas das possibilidades da discussão em torno da arte.

Nos Capítulos 1 a 4 temos a experiência do teatro em suas relações com processos de subjetivação, e de compreensão da sociedade, além dos aspectos da comicidade.

É a dança que ganha voz, nos Capítulos 5 e 6, a partir da possibilidade do ensino da Língua espanhola e das relações entre corpo e capitalismo. E no Capítulo 7, temos uma relação importante, pela conexão atual entre o cinema e a condição pandêmica.

Nos Capítulos 8 e 9 são as artes plásticas que ganham voz. Enquanto os capítulos seguintes trazem as possibilidades a partir da música e da arquitetura.








Espero que pela leitura dos textos que se seguem, uma abertura crítica sobre a diversidade das possibilidades de uma leitura estética do mundo, surja para cada leitor.







Uma boa leitura a todos!

Ezequiel Martins Ferreira



## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
LA PEDAGOGÍA TEATRAL, UNA PEDAGOGÍA DE SÍ, POTENCIADORA DE PROCESOS DE SUBJETIVACIÓN	
Arley Fabio Ossa Montoya José Joaquín García García Nubia Jeannette Parada Moreno	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.5302211031">https://doi.org/10.22533/at.ed.5302211031</a>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>21</b>
O TEATRO DE GRUPO E SUAS PEDAGOGIAS SUBTERRÂNEAS	
Sinésio da Silva Bina	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.5302211032">https://doi.org/10.22533/at.ed.5302211032</a>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>31</b>
DA NECESSIDADE DO TEATRO PARA A SOCIEDADE: DIÁLOGOS ENTRE DENIS GUÉNOUN E AUGUSTO BOAL	
Amanda Lima	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.5302211033">https://doi.org/10.22533/at.ed.5302211033</a>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>39</b>
ATUAÇÃO CÔMICA: EXPERIMENTAR, CONVIVER E COMPOR	
Rita de Cassia Santos Buarque de Gusmão	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.5302211034">https://doi.org/10.22533/at.ed.5302211034</a>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>49</b>
POSSIBILIDADES E LIMITES DA DANÇA FRENTE AO ESTRANHAMENTO DO CORPO NO CAPITALISMO	
Lailah Garbero de Aragão	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.5302211035">https://doi.org/10.22533/at.ed.5302211035</a>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>58</b>
O ENSINO DA LINGUA ESPANHOLA MEDIADA PELA DANÇA NO CONTEXTO SOCIOCULTURAL NO ENSINO MÉDIO	
Adailza Aparício de Miranda Adalberto Gomes de Miranda Adailson Aparício de Miranda	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.5302211036">https://doi.org/10.22533/at.ed.5302211036</a>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>79</b>
ARTE EM TEMPOS DE PANDEMIA - RESISTÊNCIA E VISIBILIDADES NA OBRA FÍLMICA JOAQUIM (2017)	
Zeloi Aparecida Martins	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.5302211037">https://doi.org/10.22533/at.ed.5302211037</a>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>88</b>
O MERCADO DE ARTE: NOÇÕES HISTÓRICAS E CONCEITUAIS	
Bruno Cordeiro da Rocha Roseli Kietzer Moreira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.5302211038">https://doi.org/10.22533/at.ed.5302211038</a>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>98</b>
CROSSING BORDERS: INTERCULTURAL PERSPECTIVES IN GRAPHIC DESIGN. REFLECTIONS ON THE ARTWORK OF FUKUDA SHIGEO	
Tatiana Lameiro-González	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.5302211039">https://doi.org/10.22533/at.ed.5302211039</a>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>108</b>
CADEIA PRODUTIVA DA MÚSICA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: UM ESTUDO DE CASO SOBRE SÃO LUÍS DO MARANHÃO EM 2020	
Daniel Lemos Cerqueira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.53022110310">https://doi.org/10.22533/at.ed.53022110310</a>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>130</b>
ALFABETO MUSICAL, TABLATURAS MISTAS E A TÉCNICA DO RASGUEADO: A HISTORIOGRAFIA DA GUITARRA FLAMENCA NA RECONSTITUIÇÃO DA PERFORMANCE	
Dagma Cibele Eid	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.53022110311">https://doi.org/10.22533/at.ed.53022110311</a>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>141</b>
VAMOS CANTAR: A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA	
Ezequiel Martins Ferreira Ana Lucia Sena Neres Luciene Gonçalves Leite	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.53022110312">https://doi.org/10.22533/at.ed.53022110312</a>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>153</b>
AS “HISTÓRIAS DA CAROCHINHA” DE HEITOR VILLA-LOBOS COMO RECURSO DIDÁTICO PARA ESTUDANTES DE PIANO DO ENSINO BÁSICO E SECUNDÁRIO DA UNIDADE ACADÊMICA DE ARTES DA UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ZACATECAS	
Samuel Caleb Chávez Acuña Solanye Caignet Lima Edgar Henoch Bautista Acosta Federico Morales Pérez Tejada	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.53022110313">https://doi.org/10.22533/at.ed.53022110313</a>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>168</b>
ARTES DECORATIVAS / INVENTARIO ARQUITECTÓNICO IGREJA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DO CARVALHAL, BOMBARRAL, PORTUGAL	
Olívia Maria Guerreiro Martins Rodrigues da Costa	

<b>SOBRE O ORGANIZADOR.....</b>	<b>186</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>187</b>

# CAPÍTULO 5

## POSSIBILIDADES E LIMITES DA DANÇA FRENTE AO ESTRANHAMENTO DO CORPO NO CAPITALISMO

*Data de aceite: 01/02/2022*

**Lailah Garbero de Aragão**

Universidade Federal de Juiz de Fora

**RESUMO:** O trabalho constitui uma das oficinas realizadas para a fundamentação de estudo de campo realizado durante a escrita de dissertação de mestrado no curso de Serviço Social da autora, na Universidade Federal de Juiz de Fora, intitulada “Estranhamento corporal na sociabilidade do capital: obstáculos e caminhos para a sensibilização do corpo”, que teve por objetivo analisar o fenômeno histórico e social da categoria do estranhamento em seus efeitos sobre a própria existência concreta – o corpo – dos sujeitos sociais. Além disso, o trabalho contou com um estudo de campo em aulas de dança que, antes de ser realizado, realizou algumas experiências prévias para chegar a uma melhor forma de ser executada e descrita no trabalho. Um desses experimentos foi a chamada “Oficina de Dança Reflexiva”, onde buscou-se verificar como seria possível realizar uma abordagem pedagógica que pudesse abranger a investigação de aspectos da sociabilidade no capitalismo que se relacionam intimamente com a corporalidade. Além disso, foram utilizados mecanismos para que fosse possível situar os alunos e alunas na materialidade da vida vivida através dos recursos criativos, próprios do formato de uma aula de dança. Tal proposta se desenvolveu a partir de dança livre, jogos corporais e contato-improvisação, aliados a discussões orais com

a finalidade de apreensão de sensações e experiências que, por vezes, são comumente tratadas de maneira irracional e mistificadoras.

**PALAVRAS-CHAVE:** Consciência corporal, capitalismo, sociabilidade, corpo, estranhamento.

**RESUMEN:** El trabajo constituye uno de los talleres realizados para sustentar un estudio de campo realizado durante la redacción de una tesis de maestría en el curso de Trabajo Social del autor, en la Universidad Federal de Juiz de Fora, titulado "El extrañamiento corporal en la sociabilidad del capital: obstáculos y caminos para la sensibilización del cuerpo ", que tuvo como objetivo analizar el fenómeno histórico y social de la categoría de extrañamiento en sus efectos sobre la existencia muy concreta - el cuerpo - de los sujetos sociales. Además, el trabajo incluyó un estudio de campo en clases de baile que, antes de ser realizado, llevó a cabo algunas experiencias previas para llegar a una mejor forma de ser interpretada y descrita en el trabajo. Uno de estos experimentos se denominó “Taller de Danza Reflexiva”, que buscaba constatar cómo sería posible realizar un abordaje pedagógico que pudiera abarcar la investigación de aspectos de la sociabilidad en el capitalismo estrechamente relacionados con la corporeidad. Además, se utilizaron mecanismos para que fuera posible ubicar a los estudiantes en la materialidad de la vida vivida a través de recursos creativos, propios del formato de una clase de baile. Esta propuesta se desarrolló a partir de la danza libre, los juegos corporales y la improvisación de contacto, combinados con discusiones orales con el propósito de plasmar

sensaciones y vivencias que, en ocasiones, suelen ser tratadas de forma irracional y desconcertante.

**PALABRAS-CLAVE:** Conciencia corporal, capitalismo, sociabilidad, cuerpo, extrañamiento

## 1 | INTRODUÇÃO

Ao tratarmos sobre concepções e ideias comuns acerca do “corpo”, podemos rapidamente perceber, em maior ou menor grau, que nunca estivemos diante de uma plena e satisfatória compreensão da inesgotável gama de possibilidades e potencialidades envolvidas nesse assunto. Afirmamos, por exemplo, que “temos” um corpo, e não, que nossa existência se dá através da materialidade corporal e seus inúmeros complexos psíquicos, físicos e sensoriais.

Poderíamos afirmar, também, que esse corpo que “temos”, se apropria do mundo externo através de seus sentidos e se relaciona com essa vida “fora de si” através de seu corpo. Contudo, incorreríamos novamente em alguns graves equívocos.

A questão que se coloca aqui e que busco introduzir para desenvolver essa análise é a de que “sociedade” e “indivíduo” guardam uma relação contínua de mútua determinação, ainda que com suas autonomias relativas e especificidades óbvias, mas em constante transitividade (CHASIN, 2009).

Nascemos e reproduzimos nossa vida sob a sociabilidade do modo de produção capitalista<sup>1</sup>, onde todo o complexo de estruturas<sup>2</sup> originam-se a partir das relações sociais características desse sistema e, propriamente, da transformação da natureza à partir do trabalho humano, seja em suas manifestações formais ou não<sup>3</sup>. Para habitarmos, termos acesso à educação, saúde, alimentação e subsistências básicas, é preciso produzir condições sociais e objetivas. A produção e a reprodução da vida se operam a partir do metabolismo social compulsoriamente regido pelo capitalismo, que, através do pressuposto da lei do valor, objetiva o lucro em face da exploração humana e da natureza para se reproduzir através da política, das relações econômicas, dos mecanismos ideológicos, etc. Deste modo, uma questão de relevante importância se coloca para aqueles que estudam o corpo, as subjetividades e a individualidade: é possível reagir frente a tais mecanismos “tentaculares”?

Diante desse aspecto que ofereço na análise a seguir, serão demonstrados alguns

1 Vale mencionar que o estudo acerca da análise filosófica e sociológica que trata dos processos de estranhamento do ser social e de sua corporalidade, não é o tema central que este trabalho propõe. O marco histórico do advento do modo de produção capitalista, nesse momento, é aludido como um recorte temporal utilizado para descrever as possíveis causas que repercutem até os dias atuais, tendo em vista ainda estarmos sob a hegemonia deste modo de produção.

2 Importante mencionar que este texto se utiliza da expressão “estrutura” somente para fins didáticos, compreendendo que há uma complexidade muito maior nas formas de objetivação da sociabilidade humana, que não se expressa sob os equívocos interpretativos realizados acerca dos escritos de Marx e Engels, que dicotomizam e distorcem os escritos dos autores, tendendo a subordinar o funcionamento social entre “infra-estrutura” à uma “superestrutura”. Adotamos aqui a noção de “complexo de complexos” formulada pelo filósofo húngaro György Lukács (LUKÁCS, 2012).

3 Aqui, referimo-nos que a constituição da sociabilidade do capital e suas formas objetivas derivam não apenas do trabalho formal, mas, efetivamente, do entendimento dessa categoria em sua dimensão de transformação da natureza para finalidades humanas.

pressupostos teóricos para prosseguir com a exposição de um estudo de campo realizado nos meses de agosto a dezembro de 2017. Como referencial teórico que orienta esse trabalho, o arcabouço marxiano e marxista foi utilizado para nos aproximarmos das questões tratadas a seguir.

## 2 | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E LINEAMENTOS PRELIMINARES

Marx nos oferece em algumas de suas obras uma descrição bastante interessante, com elementos importantes para pensarmos o histórico do desenvolvimento dos sentidos humanos à partir do advento do capitalismo. Mesmo que sua análise tenha sido realizada no fim do século XIX, o autor nos oferece categorias que, ao contrário de operarem como meros conceitos que se desatualizam com o tempo, são capazes de continuarem se manifestando em seu conteúdo, ainda que sob formas historicamente metamorfoseadas e desenvolvidas.

Assim, utilizo o robusto e sofisticado desenvolvimento da categoria da alienação – tratada aqui como estranhamento<sup>4</sup> - formulada em seus *Manuscritos Econômicos e Filosóficos* e, também, de outras complexas categorias que não serão possíveis de serem desdobradas nesse trabalho, como fetichismo de mercadoria e reificação.

Sendo assim, inicio a análise abordando o surgimento dos pressupostos desse novo modo de produção e reprodução da vida, a partir do advento da propriedade privada e da divisão social do trabalho, marcados pelo violento processo de expropriação, morte, escravismo e colonização – tratado no famoso capítulo 24 do *Capital I*, intitulado “*A assim chamada acumulação primitiva*” – proporcionando o surgimento de uma classe de despossuídos que só teriam, efetivamente, suas próprias existências concretas para serem postas à venda para que pudessem sobreviver. Trata-se aqui, propriamente, do complexo psico-físico humano, posto à venda como “mercadoria força de trabalho” para a reprodução de sua existência imediata. Tal fenômeno é mencionado em outras passagens de seu livro, anteriores ao capítulo mencionado, como um processo historicamente constituído, afastando qualquer interpretação naturalizante ou imanente acerca dessa brutal configuração social que se inaugura:

Uma coisa, no entanto, é clara: a natureza não produz possuidores de dinheiro e de mercadorias, de um lado, e simples possuidores de suas próprias forças de trabalho, de outro. Essa não é uma relação histórico-natural [naturgeschichtliches], tampouco uma relação social comum a todos os períodos históricos, mas é claramente o resultado de um desenvolvimento histórico anterior, o produto de muitas revoluções econômicas, da destruição de toda uma série de formas anteriores de produção social. (MARX, 2015, p.314).

Diante disso, as pessoas que vivem do trabalho passam a estarem subordinadas à

4 Acerca da distinção entre alienação e estranhamento, há discussões específicas sobre tal questão no campo marxista. Para fins de complementação de leitura, ver “A diferença entre as categorias de alienação e estranhamento nos Manuscritos Econômicos-Filosóficos de Karl Marx de 1844” de Mônica Hallak Martins da Costa (COSTA, 2005).

venda de suas forças psico-físicas para que possam sobreviver, submetendo suas vidas à sua capacidade produtiva e útil. Além disso, é importante lembrar as nefastas condições de trabalho que existiam no contexto em questão, no seio do desenvolvimento capitalista europeu, no período histórico de consolidação do capitalismo industrial<sup>5</sup>, que, apesar de terem se modificado em sua manifestação, conservam seu elemento principal no que se refere à exploração humana para finalidade de lucro.

Frente a esse cenário, o efeito desse novo fenômeno sobre os indivíduos torna-se brutal e determinante: ao criarem mercadorias para outrem, tendo grande parte de seus rendimentos expropriados pelos patrões – mais-valia – seus trabalhos se expressam como uma realização “estranha” desde seu processo até seu resultado. Tais sujeitos passam a estranharem a si próprios, inclusive, no que se refere a suas vidas resumidas à produção, uma vez que apenas um aspecto de suas existências – capacidade produtiva – passa a agir como pressuposto necessário para que possam se manter vivos:

O homem nada mais é do que trabalhador e, como trabalhador, suas propriedades humanas o são apenas na medida em que o são para o capital, que lhe é estranho. (...) A economia nacional não conhece, por conseguinte, o trabalhador desocupado, o homem que trabalha (Arbeitsmenschen), na medida em que ele se encontra fora da relação de trabalho. O homem que trabalha (Arbeitsmensch), o ladrão, o vigarista, o mendigo, o desempregado, o faminto, o miserável e o criminoso, são figuras (Gestalten) que não existem para ela, mas só para outros olhos, para os do médico, do juiz, do cozeiro, do administrador da miséria, fantasmas [situados] fora de seu domínio. As carências do trabalhador são assim, para ela, apenas a necessidade (Bedürfnis) de conservá-lo durante o trabalho, a fim de que a raça dos trabalhadores não desapareça. O salário possui, por conseguinte, exatamente o mesmo significado de conservação (Unterhaltung) na manutenção (Standerhaltung) de qualquer outro instrumento produtivo, tal qual o consumo do capital em geral, de modo a poder reproduzir-se com juros. (MARX, 2010, p.92).

Deriva desse processo, também, novas formas de constituição de subjetividades que chegam a se aproximarem de formas imediatamente animais para sobreviverem, consistindo apenas em hábitos primários, necessários à simples manutenção física, como comer, beber, dormir, etc (MARX, 2010, p.83). O campo da sensibilidade “não-útil” à produção e as potências do gênero humano, não possuem espaço e condições objetivas para serem desenvolvidas no modo de produção de “coisas”, coexistindo de maneira constrangida às formas tacanhas e reificadas. Como leciona Marx:

O lugar de todos os sentidos físicos e espirituais passou a ser ocupado, portanto, pelo simples estranhamento de todos esses sentidos, pelo sentido do ter. A esta absoluta miséria tinha de ser reduzida a essência humana, para com isso trazer para fora de si sua riqueza interior. (MARX, 2011, p.108).

Com o desenvolvimento histórico do capitalismo, tais formas da subjetividade

---

<sup>5</sup> Além disso, algo que não será objeto da análise em questão, mas que deve ser mencionado, são as formas de escravidão e superexploração que coexistiam nas periferias mundiais que integravam – e ainda integram – o mecanismo do desenvolvimento dos países de centro.

também foram se transformando e sendo engendradas nessa reprodução da vida, peculiar a esse modo de produção. Há diversos estudos em muitas áreas do conhecimento que buscaram compreender tais desdobramentos, incorrendo tanto em acertos como em erros, mas que configuraram tentativas que demonstram um tratamento específico para a questão da individualidade humana sob a sociabilidade do capital.

Não é necessário muito esforço para encontrar na literatura somática do século XX algumas pistas dos efeitos do processo descrito por Marx no século XIX. Observemos no seguinte exemplo mencionado na obra *Corpo*, de Don Johnson:

Os operários de uma linha de montagem e as secretárias nos escritórios que desempenham apenas um tipo de atividade durante todo o dia, passam a sentir seus corpos como se fossem máquinas com uma estreita margem de movimento e quase nenhum sentimento. A redução do potencial do corpo aos limites específicos exigidos pelo trabalho mecânico diminui proporcionalmente o campo de percepção da pessoa. (JOHNSON, p.94, 1990)

Também podemos encontrar elementos denunciativos em Feldenkrais em sua obra *Consciência pelo Movimento*:

A tendência geral para o aperfeiçoamento social em nossos dias, leva diretamente a uma negligência em relação ao material humano de que a sociedade é constituída. O defeito não está no objetivo em si mesmo – que é construtivo no principal, mas no fato do indivíduo, errônea ou acertadamente, tender a identificar sua auto-imagem com seu valor para a sociedade. (FELDENKRAIS, 1977, p.35).

E, por fim, na obra *Dança Educativa Moderna*, onde Rudolph Laban oferece mais formas capazes de ilustrarem a manifestação da observância do fenômeno:

Foi na indústria que se iniciou a investigação do novo movimento. Ao tornar-se evidente que os processos de trabalho de uma era mecanizada são profundamente diferentes daquelas dos períodos pré-revolucionários da civilização europeia, realizaram-se várias tentativas para adaptar os movimentos do trabalhador às novas necessidades. Um nome que se deve mencionar a esse respeito é o de Frederick W. Taylor, o iniciador da "gestão empresarial científica". Foi uma das primeiras pessoas que tratou de penetrar no mistério do movimento humano, sob um ponto de vista completamente novo. Seu objetivo era aumentar a eficácia dos trabalhadores que manejavam máquinas sem pensar sequer nos valores estéticos que esses movimentos pudessem ter. Mas, teve uma vaga noção do valor educativo do movimento, especialmente no concernente à educação dos aprendizes industriais. (LABAN, 1990, p.12).

A menção às obras dos autores relacionados ao estudo da educação somática nos serve, aqui, simplesmente para verificarmos como se manifesta de maneira sintomática a transformação descrita por Marx acerca do corpo e dos sentidos humanos, mesmo os referidos pesquisadores não sendo marxistas ou fazerem menção ao estudo desenvolvido por Marx.

Com relação à área da dança, também podemos notar uma percepção do fenômeno



por parte de profissionais comprometidos em pensar o movimento à partir da totalidade do indivíduo e sociedade, como foi Klaus Vianna:

Desde o nascimento somos submetidos a uma série de condicionamentos sociais, antes mesmo de vivermos os processos de educação formal -, o que acaba resultando em procedimentos mecânicos e repetitivos, dos quais não temos percepção ou consciência. Se isso por um lado, facilita a nossa existência cotidiana, de outro, afasta e dificulta o processo de autoconhecimento. Em outras palavras, a memória robotizada pode produzir formas já catalogadas e conhecidas, mas dificilmente criar movimentos novos e ricos em expressão. (VIANNA, p.112, 2005).

Deste modo, há uma questão importante a ser pensada aqui: mesmo se atendo à análise da classe trabalhadora no cotidiano do trabalho, Marx compreende as determinações sociais advindas com a sociabilidade do capital se espalhando para além da fronteira das fábricas e oferecendo a compreensão de que o modo de produção capitalista não é somente restrito ao ambiente fabril e produtivo, mas, de fato, na própria forma que se inaugura de se reproduzir a vida. A respeito disso, ele inclusive menciona que o estranhamento não é um fenômeno restrito àqueles despossuídos que precisam vender suas vitalidades para sobreviver, mas que a afetação do fenômeno do estranhamento também chega aos possuidores, que são, simultaneamente, carentes de uma totalidade de manifestação humana de vida (MARX, 2011, p.112).

Nesse sentido, indagamos: o mero reconhecimento das capacidades corporais expressas através de exercícios e jogos utilizados para instrumentalizar esse processo, seriam suficientes para “dar fim” ao fenômeno do estranhamento?

Compreendemos aqui que a resposta a essa pergunta possui níveis de complexidade importantes de serem enfrentados: é possível pensar que diversos mecanismos oferecidos pela dança e pela educação somática sejam capazes de alargar as sensações, oferecerem caminhos de reconhecimento das potências psico-físicas e auxiliarem os sujeitos na vida cotidiana. Contudo, o estranhamento se expressa na consciência sem derivar, originalmente, dela. Não se trata de um fenômeno que emerge naturalmente do ser humano como uma característica imanente, que faça parte de sua essência. Como descrito anteriormente, o estranhamento possui gênese e condições historicamente constituídas para se desenvolver. Portanto, o sustentáculo que mantém esse fenômeno deve ser transformado, efetivamente, em sua dimensão objetiva com mudanças radicais nas formas sociais, políticas e econômicas.

Para além do reconhecimento e da amplificação da potência sensório-perceptiva, que nos possibilita um passo significativo diante do fenômeno do estranhamento, seria incorrer em um erro voltar a responsabilidade de um fenômeno social para o indivíduo particular, considerando que este é, também, um sujeito social. Contudo, e diante da especificidade deste trabalho, que é indicar uma dessas formas práticas, o debate político não será desdobrado aqui e, a seguir, será abordada a descrição da “Oficina de Dança

Reflexiva”.

### 3 I PROPOSTA DE CAMPO: “OFICINA DE DANÇA REFLEXIVA”

Desenvolvi no 2º semestre do ano de 2017, uma oficina que pudesse fornecer estímulos corporais onde os alunos e alunas fossem capazes refletirem suas corporalidades a partir de suas relações sociais e do cotidiano que vivenciam, denominada “Oficina de Dança Reflexiva”.

Planejei cinco módulos com temas mensais, de agosto a dezembro, que ocorriam uma vez na semana durante 90 minutos. As temáticas trabalhadas foram desenvolvidas da seguinte forma: sensibilização anatômica (1), para que pudessem perceber, reconhecer e sentir seus músculos, ossos, articulações e peles; propriocepção em movimento (2), buscando identificar seus padrões de motricidade, posturais e a relação destes com suas rotinas através de estímulos semelhantes àqueles comumente realizados no cotidiano (como sentar e levantar, andar, pegar algum objeto, etc); o contato com outros corpos (3), possibilitando uma interação com os colegas de turma e amplificando suas percepções que, até então, estavam restritas a uma auto-investigação; verificação da integração entre corpo e espaço (4), estimulando os sentidos de maneira a sensibilizá-los de outras formas no que se refere ao próprio corpo, às demais pessoas e ao ambiente que transitam e habitam; e, finalmente, estímulos para o surgimento de uma dança própria (5), onde houve uma tentativa de estimular novos registros motores, à partir das informações sentidas e percebidas nos módulos anteriores, alargando as potencialidades que lapidaram, até então.

Tal oficina foi desenvolvida como uma das experiências prévias para a realização de trabalho de campo do mestrado em Serviço Social que cursei de 2017 a 2019, paralelamente às aulas de dança que lecionava. A dissertação “O estranhamento corporal na sociabilidade do capital: obstáculos e caminhos para a sensibilização do corpo” resultou na análise da sociabilidade do modo de produção capitalista como produtora não só de riqueza material mas, também, de miséria humana e subjetiva, promovendo a alienação dos sujeitos sociais sobre a própria existência concreta, expressa através do complexo psico-físico do corpo.

Essa oficina, fundamental para a formulação do estudo de campo posterior – formalmente descrito na dissertação – contou com mecanismos importantes para os objetivos da investigação: as atividades práticas e os estímulos discursivos. Desde o início da proposta, havia uma preocupação muito grande em estimular a capacidade de verbalização das sensações com o intuito de afastá-las de fenômenos que guardassem um aspecto “inexplicável” ou “indizível”.

A preocupação em realizar uma aproximação possível e razoável das sensações vividas durante as aulas, considerou o rigor em não buscar uma literalidade vulgar de processos não-verbais complexos, que guardam suas próprias peculiaridades. Contudo, a aproximação entre as experiências e as palavras, através do raciocínio organizado e da

memória em face à efemeridade das sensações, representou substrato fundamental para possibilitar o tratamento científico de fenômenos concretos, materiais, frutos da atividade cognitiva, sensória, fisiológica e criativa humana que, ainda, são recobertos por aspectos mistificadores derivados do desconhecimento das potências do ser.

Dessa maneira, tais estímulos foram aplicados imediatamente após práticas de dança livre (com ausência de técnica pré-determinada), jogos corporais lúdicos e contato-improvisação. Seus depoimentos foram gravados e serviram consideravelmente para a formulação das etapas de campo da dissertação. A dinâmica da verbalização após as atividades propostas foi um ponto recebido de maneira extremamente positiva pelos alunos e alunas. Em diversos momentos, ao ouvirem seus colegas, percebiam a amplitude de percepções individuais em uma mesma dinâmica que, mesmo sendo particulares, em vários pontos se encontravam e reconheciam-se.

Pude compreender com essa primeira experiência de oficina – que continha um fundamento de refletir temas que não são tão comuns em uma sala de aula de dança – que mesmo não se tratando de uma aula de teoria social, foi possível proporcionar situações que demandavam perguntas e respostas – verbais e motoras – atreladas à materialidade concreta da vida em sociedade, onde tais subjetividades se constituem e, igualmente, a constroem.

## 4 | CONCLUSÃO

Finalmente, compreendo que a proposta da oficina pôde se aproximar de uma importante afirmação oferecida por Klauss Vianna em seu livro *A Dança*, ao dizer que é preciso derrubar as paredes que dividem a sala de aula e “o mundo lá fora” (VIANNA, 2005, p.134). Acredito que a complementação dessa frase, no contexto do presente trabalho, seja “derrubar as paredes” de modo a possibilitar a visão de um horizonte ainda bastante verticalizado, onde a tomada de consciência seja vista como um passo importante rumo a ações políticas concretas e sociais de existência digna, que ultrapassem a importante – porém insuficiente – pauta da resistência. Um corpo que resiste é aquele que se coloca em defesa diante de uma ação externa.

Portanto, acredito que seja urgente direcionarmos os esforços sensíveis da motricidade junto à informação sobre como agir diante de um mundo desigual que produz contradições desumanizadoras, visando a construção de uma sociabilidade que possibilite não nossa mera existência primária, mas sim, o desfrute de nossas grandes potências que só poderão emergir em um mundo que não nos submeta a tais obstáculos e desigualdades, pautadas na exploração e cooptação de nossa vida, resultando em miséria social e, também, subjetiva.

## REFERÊNCIAS:

CHASIN, J. *Marx: estatuto ontológico e resolução metodológica*. São Paulo: Boitempo, 2009.

FELDENKRAIS, Moshe. *Consciência pelo Movimento*. São Paulo: Summus, 1977.

JOHNSON, Don. *Corpo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

LABAN, Rudolph. *Dança Educativa Moderna*. São Paulo: Ícone, 1990.

LUKÁCS, György. *Para uma ontologia do ser social I*. São Paulo: Boitempo, 2012.

MARX, Karl. *O Capital-livro 1*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

\_\_\_\_\_. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2010.

VIANNA, Klauss. *A dança*. São Paulo: Summus, 2005.

COSTA, M. A. M. *A diferença entre as categorias de alienação e estranhamento nos Manuscritos Econômico-Filosóficos de Karl Marx de 1844*. Verinotio—Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas, n. 3, 2005.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Administração musical 108, 114, 127

Análisis musical 153, 156, 162, 167

Arte 2, 3, 4, 1, 2, 3, 5, 7, 8, 9, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 37, 41, 48, 58, 59, 62, 63, 64, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 114, 116, 143, 144, 146, 147, 148, 152, 154, 155, 164, 165, 167, 168, 186

Artes cênicas 22, 31, 39, 42, 117, 123, 186

Artes decorativas 4, 168, 173, 175, 176, 178, 183

Artworks 98, 99, 102, 104

Atuação cênica 39, 42

Azulejo 168, 176, 178, 179, 183, 184

### C

Capitalismo 2, 3, 18, 19, 49, 50, 51, 52

Cinema 2, 31, 36, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 87

Comicidade 2, 39, 40, 41, 42, 45, 47, 48

Consciência corporal 49, 64

Corpo 2, 3, 32, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 53, 55, 56, 57, 59, 60, 64, 65, 75, 76, 78, 85, 86, 87, 124, 143, 144, 147, 150, 171, 178, 179

Criança 4, 65, 72, 141, 142, 143, 148, 149, 150, 151, 152

### D

Dança como prática pedagógica 58, 60

Desenvolvimento 4, 39, 43, 44, 45, 46, 47, 51, 52, 58, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 72, 73, 76, 78, 80, 81, 84, 89, 91, 92, 111, 114, 124, 127, 141, 142, 143, 145, 148, 149, 150, 152, 186

### E

East-west 98, 99

Ensino-aprendizagem 27, 58, 59, 61, 62, 63, 64, 76, 134, 141, 142, 143, 148, 150

Espect-ator 31, 33, 37

Estranhamento 3, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 57

Expressão e comunicação 58

## F

Fukuda shigeo 4, 98, 99, 101

## G

Graphic design 4, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 107

Guitarra barroca 130, 131, 132, 133, 134, 135, 138, 139, 140

## H

Heitor villa-lobos 4, 153, 154, 155, 156, 158, 160, 161, 163, 164, 165, 166, 167

História 19, 25, 34, 35, 48, 63, 65, 73, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 88, 89, 90, 97, 139, 142, 143, 144, 145, 146, 150, 151, 152, 170, 186

História da arte 80, 88, 89, 90

## I

Influences 98, 99, 102

Interdisciplinaridade 39, 40, 41, 42

Interpretación musical 153, 156, 165, 166

Inventario 4, 168

## J

Jogo do ator 31

## L

Língua espanhola 2, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 68, 70, 72, 74, 75, 76, 77

## M

M.C.Escher 98, 99

Memória 54, 56, 79, 81, 83, 84, 86

Mercado de arte 4, 88, 89, 94, 96, 97

Multidirecional 98, 99

Música 2, 4, 59, 63, 66, 68, 69, 71, 75, 77, 82, 83, 86, 108, 109, 110, 111, 116, 117, 120, 121, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 162, 163, 164, 165, 166, 167

Música latinoamericana del siglo XX 153

## N

Notação musical 130, 131, 134

## **P**

Pandemia 3, 4, 79, 80, 108, 109, 110, 114, 119, 124, 125, 126, 127, 129, 161, 162

Patrimônio 168

Pedagogias subterrâneas 3, 21, 23, 26, 27, 28, 29, 30

Pedagogia teatral 18, 21, 23, 24, 25, 30

Piano 4, 127, 153, 154, 156, 162, 163, 166, 167

Políticas culturais 108, 109, 110, 112, 114, 115, 116, 117, 122, 124, 128

Processo de ensino-aprendizagem 59, 61, 62, 63, 64, 141, 142, 148, 150

Produção cultural 91, 108, 114, 116

## **R**

Rasgueado 4, 130, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 140

Resistência 3, 79, 84, 85, 86

Riso 39, 40, 41, 47, 48

## **S**

Sociabilidade 49, 50, 53, 54, 55, 56

Sociedade 2, 3, 31, 32, 34, 35, 37, 41, 42, 50, 53, 54, 56, 58, 60, 61, 64, 66, 73, 76, 79, 83, 89, 90, 91, 93, 94, 96, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 117, 125, 126, 127, 128, 147, 174, 178

Swiss international style 98, 99, 102, 103

## **T**

Teatro de grupo 3, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30

Teatro do oprimido 31, 32, 38

Toque flamenco 130, 131, 136, 137, 138

Tradição oral 130, 131, 133, 136



Typography 98, 99, 102, 103, 105

## **V**

Visibilidades 3, 79, 80, 86, 87

# Antes:





INTERFACES E DIÁLOGOS  
INTERDISCIPLINARES

-  [www.arenaeditora.com.br](http://www.arenaeditora.com.br)
-  [contato@arenaeditora.com.br](mailto:contato@arenaeditora.com.br)
-  [@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora)
-  [www.facebook.com/arenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/arenaeditora.com.br)



# Antes:

INTERFACES E DIÁLOGOS  
INTERDISCIPLINARES

-  [www.arenaeditora.com.br](http://www.arenaeditora.com.br)
-  [contato@arenaeditora.com.br](mailto:contato@arenaeditora.com.br)
-  [@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora)
-  [www.facebook.com/arenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/arenaeditora.com.br)